

Prólogo: Literatura & Cinema

O número de 2021 da RUAL: *Revista da Universidade de Aveiro: Letras*, subordinado ao tema «Literatura & Cinema», propôs aos colaboradores que abordassem os desafios da adaptação cinematográfica; as estratégias e processos usados; as diferenças e semelhanças entre a linguagem literária e a audiovisual; a dialética entre a fidelidade e a liberdade criativa; a análise comparativa e as diversas tipologias; o estudo de filmes baseados em contos, novelas ou romances e vice-versa.

O tema eleito tem galvanizado o interesse tanto da crítica literária como da cinematográfica, suscitando acesos debates, plasmados em artigos e comunicações, dissertações e teses, bem como num crescente número de livros científicos. Críticos e académicos multiplicam as análises, abordagens e tipologias: desde os estudos seminais sobre os níveis de adaptação, tecidos por Geoffrey Wagner e Dudley Andrew, até aos trabalhos mais recentes de Kamilla Elliot ou de Ana M. M. Santos.

De igual modo, no meio artístico, a adaptação gera, com frequência, controvérsia, em revistas *online*, na blogosfera e nas redes sociais, como revelam os testemunhos de escritores e cineastas, amantes da leitura e cinéfilos. «Never judge a book by its movie», uma citação atribuída a um misterioso J. W. Eagan, resume humoristicamente o espírito de desconfiança mútua entre a tribo das letras e a das fitas. A transposição intersemiótica nunca surtiu resultados consensuais, é verdade, mas suscita sempre saudáveis reflexões acerca de duas artes e duas formas de narrar.

O tema deste número da RUAL é relevante, dado que metade dos filmes produzidos foi baseada em obras literárias, sobretudo romances canónicos ou mais recentes, mas sempre de êxito. Por um lado, os cineastas ambicionam replicar na tela o sucesso de um livro que já conquistou os leitores; por seu turno, autores e editores encontram, na sétima arte, uma fonte de lucro e prestígio. Basta pensar que J. K. Rowling, criadora da saga «Harry Potter», vendeu o direito de transpor os seus romances para o grande ecrã por cerca de um milhão de libras.

No entanto, a adaptação constitui um processo delicado, pois acarreta vários riscos e desafios. Primeiramente, a linguagem literária e a audiovisual apresentam diferenças e singularidades, pelo que guionistas e realizadores têm de recorrer ao engenho, para descobrirem a melhor forma de contar uma história

de papel e tinta, recorrendo à luz e ao movimento. Em segundo lugar, a adaptação pode não resultar, subvertendo, pela negativa, o horizonte de expectativas dos leitores, enfurecendo os cinéfilos e causando avultados prejuízos às produtoras e dano à imagem pública dos cineastas.

Perfilho a opinião da romancista e cineasta Marjane Satrapi: «If it's a good work of adaptation, the book should remain a book and the film should remain a film, and you should not necessarily read the book to see the film. If you do need that, then that means that it's a failure». Embora delicada, a adaptação não constitui uma tarefa impossível, nem destinada ao fracasso, à incompletude ou ao remedeio. Não existe rigorosamente nada que a literatura faça que o cinema não consiga também realizar – havendo esforço, técnica e talento. Numerosas são as soluções para os problemas e desafios inerentes à adaptação; infindas, as potencialidades da linguagem audiovisual; inestimável, o contributo criativo de guionistas, atores e realizadores – todos eles também *leitores*, com direito à sua interpretação e recriação/subversão/eclipse da obra literária.

A primeira parte da presente revista é constituída por nove artigos sobre o dialogismo intersemiótico, reificados em perspetivas e objetos de estudo tão dissemelhantes quanto enriquecedores, como se atesta pelas próximas linhas, que elencam e resumem, «paucis verbis», os textos apresentados.

Em «*A Toupeira vs. Skyfall: Adaptação Fílmica e Abordagens Narrativas*», Filipa Moreira explora a origem literária das duas películas em análise, e relaciona o género da espionagem e o conceito de conspiração.

No meu artigo «*Em chamas: Um conto de Haruki Murakami, um filme de Lee Chang-Dong*», examino as estratégias de adaptação seguidas pelo realizador sul-coreano, relativamente a quatro categorias narrativas: personagens, enredo, espaço e tempo.

Em «Frei Luís de Sousa – Da lenda ao texto e do texto ao filme. Análise comparativa entre a adaptação cinematográfica de António Lopes Ribeiro e de João Botelho», Marta Marques examina duas versões de um clássico da literatura portuguesa.

No ensaio «Literatura e Cinema: o jogo entre memória e espacialidades em *20.000 dias na Terra* e *The Sick Bag Song*», Samantha Pires dos Santos explora o significado do «locus» nessas narrativas, bem como os temas da memória e da criação artística.

«Quarto com vista 'interior'», de Francisco Ferreira da Silva, examina o filme *A Room with a View*, realizado por James Ivory e inspirado no livro homónimo de E. M. Forster, centrando-se na diegese e no seu impacto na rígida moral eduardiana.

No artigo «The Adaptation of *Homeland* from Screen to Page: Challenges of Two Novelizations Based on The Television Series», Ricardo Sobreira apresenta um importante contributo sobre um processo intermediático pouco explorado: a adaptação de séries televisivas a livro.

Em «Três filmes e a mesma narrativa: o capitalismo tardio no cinema», Ricardo Zocca relaciona as películas *Parasita*, *Bacurau* e *Coringa*, com base na teoria do capitalismo tardio de Ernest Mandel.

No ensaio «Rudyard Kipling and T. S. Eliot on the Portuguese in Gloucester, Massachusetts», Reinaldo Silva centra-se nas representações dos pescadores portugueses, no filme *Captain Courageous*, dirigido por Victor Fleming, e baseado no célebre romance de Kipling.

Em «Cinema e Literatura no Século XXI: uma sinopse», Luís Nogueira tece uma análise inteligente e prospetiva da adaptação, ao mesmo tempo que proporciona uma visão panorâmica da mesma, nas duas décadas do século XX.

Todos estes trabalhos refletem diferentes leituras e diversos cinemas, proporcionando um plano geral (no sentido cinematográfico da expressão) da arte adaptativa.

A segunda parte da revista, com tema livre, inclui recensões a *O vício dos livros*, de Afonso Cruz, a *Um Tempo a Fingir*, de João Pinto Coelho, e ainda a três revisitas a Beowulf, por J. R. R. Tolkien, Sullivan Alan e David Wright. As críticas, da autoria de Juliana Garbayo, Victor Oliveira Mateus e Rodrigo Ramos, têm o condão de sugerir a leitura de alguns trabalhos importantes da literatura portuguesa e britânica.

Para a terceira secção, «Apontamentos Literários», convidei diversos escritores conhecidos, a par de nomes recentes e promissores. A revista inclui poemas de Amadeu Baptista, Diana V. Almeida, Graça Pires, Isabel Cristina Pires, João Rasteiro, Ana Paula Souza e de mim próprio, e contos de Victor Oliveira Mateus, António Mota e Ana M. M. Santos, que adapta a argumento a sua narrativa breve, num contributo raro para o guionismo em Portugal.

Resta-me agradecer a todos quantos edificaram este número da RUAL: a diretora da revista, Ana Maria Ramalheira; os colaboradores das diversas secções; os avaliadores, cujo trabalho atento foi imprescindível para a qualidade deste número: Ana M. M. Santos, Ana Maria Ramalheira, José Bértolo, André Graça, Henrique Pereira, Sérgio Branco, Filipe Martins, José Duarte e o realizador Camilo Cavalcante. Todos responderam, com entusiasmo, ao meu convite. Possam os seus esforços suscitar outras leituras e novas visões de duas artes fraternas: uma, a irmã mais velha; a outra, a mais jovem.

João de Mancelos